

Processos de (re)construção de identidades culturais num bairro de habitação social*

Helena Seita Gonçalves**

Resumo: Este texto é uma síntese de um trabalho levado a cabo no âmbito de um projecto de intervenção comunitária num bairro de habitação social — o projecto VIAFORTE (integrado no Programa Nacional de Luta Contra a Pobreza). Centra-se, fundamentalmente, na questão da coexistência de grupos heterogéneos nas suas origens sociais e culturais, nos diferentes modos de inserção dos mesmos num espaço social comum e na abordagem dos processos de mudança e continuidade das suas identidades culturais. Mais concretamente, trata-se de tentar delimitar as diferentes referências identitárias com que os indivíduos e grupos sociais se confrontam naquele contexto espacial específico, avaliando, simultaneamente, o contributo desses diferentes atributos para os processos de (re)construção dessas identidades.

Introdução

Os processos de formação de identidades socioculturais encontram-se intimamente ligados à questão do confronto entre diferentes grupos sociais. É por isso que a identidade nos aparece, como refere Madureira Pinto, enquanto conceito “ eminentemente relacional ”¹, já que resulta do relacionamento dos indivíduos em sociedade e de toda a multiplicidade de referências identitárias com que estes se deparam e através dos quais se geram processos de “ identificação/integração ” ou de “ identização/diferenciação ”² relativamente aos grupos sociais aos quais pertencem ou dos quais se distinguem.

Se estas questões são transversais a todo o tipo de meios sociais, parecem, contudo, revelar-se mais importantes em situações de fortes

* Os resultados que aqui se apresentam, resultam de uma investigação levada a cabo no ano lectivo de 1991/92 para o seminário de Sociologia da Cultura do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.

** Socióloga. Investigadora no CIES — Centro de Investigação e Estudos de Sociologia.

contrastes sociais, como as do caso em análise, dado que se trata de um bairro de habitação social caracterizado por uma grande diversidade social, cultural e étnica. Foi, aliás, esta uma das principais razões por que o bairro, que se situa a sul do concelho de Vila Franca de Xira, foi escolhido para este trabalho, uma vez que se pretendia estudar a coexistência de grupos heterogêneos num espaço social comum e a forma como esta realidade contribui para os processos de mudança e continuidade das suas identidades culturais.

Assim, a abordagem dos processos identitários exige uma análise de todos os factores sociais e culturais que envolvem os indivíduos, e o modo como os mesmos se relacionam com a multiplicidade de referências identitárias com que se confrontam num dado momento e num dado contexto específico, uma vez que estas podem variar consoante as diferentes situações de relacionamento social. “Aquilo que é critério de distinção identitária importante numa dada sociedade ou situação social pode não ter qualquer significado noutra local ou noutra época (...). Tudo depende da relevância identitária que é dada a esta ou àquela característica, no decurso dos processos sociais”³.

A produção de identidades não se constitui, efectivamente, como um processo uniforme, mas depende de aspectos sociais e culturais como as referências culturais dos indivíduos, os seus percursos realizados ao longo da vida, as suas situações sociais concretas num dado momento particular e os objectivos ou estratégias sociais que vão desenvolvendo. Sendo em larga medida os eixos estruturadores das identidades, estes aspectos distribuem simultaneamente de forma desigual os actores sociais, atribuindo-lhes competências e recursos também desiguais, condicionando desta forma o modo como os mesmos se posicionam no quadro dessas identidades.

A definição de identidades reveste-se, assim, de uma extrema complexidade. Uma das questões com que este trabalho se deparou logo desde o início foi a de captar o peso relativo de cada elemento para a definição de uma determinada identidade, ou seja, a avaliação dos contributos das diferentes referências identitárias para a compreensão de uma dada identidade sincrética.

Tal avaliação só foi, evidentemente, passível de alguma objectivação por referência a uma análise das populações do bairro do ponto de vista das suas caracterizações sociais e culturais, dos seus trajectos sociais, residenciais e profissionais realizados ao longo da vida, das suas formas de sociabilidade e do modo como apreendem e vivem o seu espaço de residência. Esta análise obrigou a um reequacionamento de questões como a da heterogeneidade que caracteriza os meios populares, as característi-

cas próprias e os processos de “contaminação” e “oposição” das culturas populares relativamente às culturas de “elite” e de massa, as práticas, valores e representações que as caracterizam, pois, pese algumas clivagens, podemos encontrar certas dimensões transversais a todas elas (formalmente transversais, embora substantivamente diferenciadas), que lhes conferem alguma unidade e uma identidade cultural própria.

Pretendeu-se, pois, explorar todo um conjunto de dimensões da realidade social no contexto específico do bairro, o que levou naturalmente à adopção de uma metodologia de estudo de carácter qualitativo que permitisse aceder pelo interior às diferentes realidades sociais e culturais⁴. Neste sentido foram realizadas entrevistas semi-directivas a diferentes famílias representativas da diversidade populacional do bairro, às quais se associaram outros procedimentos, nomeadamente a observação directa e a realização de um inquérito por questionário, o qual permitiu essencialmente a recolha de informação de carácter sociográfico da população em questão.

Bairro e trajectos sociais

Situado na parte sul do concelho de Vila Franca de Xira, concelho relativamente desenvolvido do ponto de vista do tecido produtivo, das infraestruturas e dos equipamentos, assim como das condições de vida das populações, o bairro da Icesa contrasta fortemente com o contexto envolvente, apresentando uma grande degradação urbanística acompanhada de uma escassez de serviços e equipamentos e de uma debilidade das condições de vida das suas populações.

O bairro encontra-se dividido em duas partes distintas — uma de Preços Homologados (PH)⁵ e outra de Habitação Social (HS) — que se diferenciam fortemente entre si, quer em termos das características do espaço, quer em termos do perfil das populações nelas residentes, sendo, aliás, por esta razão que se utiliza sistematicamente a variável “parte do bairro” para analisar as populações em questão.

No total a população ronda os 5900 indivíduos de origens geográficas e culturais bastante diversificadas. Trata-se de uma população essencialmente migrante, originária sobretudo dos distritos de Lisboa e de Setúbal, Cabo-Verde, Angola e Moçambique, sendo a proveniência do próprio concelho de Vila Franca de Xira bastante reduzida (17,2% e 4%, respectivamente, na zona de HS e na zona de PH).

Uma das principais características da população é, então, a grande variedade étnica, o que se acentua na zona de HS do bairro, estando o perfil da população na zona de PH mais próximo do normal do concelho.

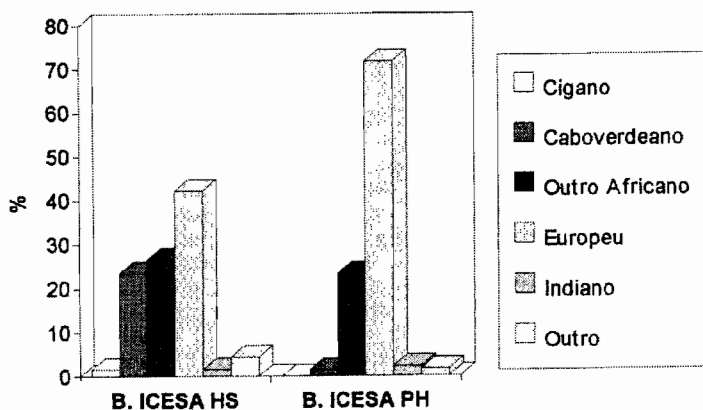


Gráfico 1: Grupo étnico

Trata-se de uma população extremamente jovem. Apesar disso, os níveis de escolaridade são muito baixos, atingindo-se taxas de analfabetismo na ordem dos 7,9% e 3,5%, respectivamente na zona de HS e na de PH, o que, tendo em conta esta juventude da população e o facto de se encontrar integrada num meio urbano, se revela bastante significativo.

As qualificações profissionais são também de uma forma geral baixas e predominam as profissões operárias, os empregados administrativos executantes e o pessoal de serviços de limpeza, pessoais e domésticos. As inserções no mercado de trabalho são bastante deficientes, verificando-se um elevado índice de trabalho precário, tal como, por exemplo, os números respeitantes ao regime de contrato de trabalho permitem verificar (cerca de 18%, tanto na zona de HS como na de PH, têm contratos a prazo; 40% e 33,3%, respectivamente, na zona de HS e na de PH, não têm qualquer contrato de trabalho). Surpreendente, à primeira vista, é a reduzida percentagem de desempregados (2,9% na zona de HS e 1,6% na zona de PH). Tal realidade resulta do facto de existirem muitos isolados e trabalhadores por conta própria que, contrariamente ao que se poderá pensar, não são significativos de situações profissionais estáveis, mas são na maioria respostas ao desemprego e às frágeis inserções no mercado de trabalho (como é o caso dos vendedores ambulantes), tratando-se, portanto, de uma situação de “desemprego camuflado”.

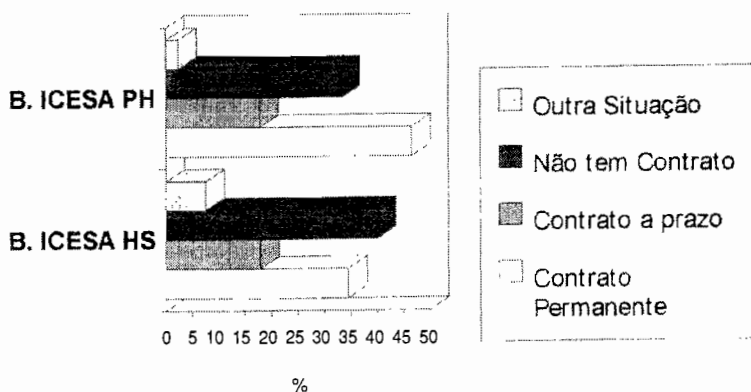


Gráfico 2: Regime de contrato de trabalho

O bairro reúne, assim, uma grande heterogeneidade de referências culturais e de situações sociais, donde ressaltam duas grandes faixas da população: uma mais central e relativamente estabilizada (que encontramos fundamentalmente na zona de PH e nos europeus) e uma outra mais periférica e instável do ponto de vista da inserção socioprofissional e das condições de vida (que encontramos predominantemente na zona de HS e nas minorias étnicas). Esta realidade não está, porém, isenta de algumas especificidades. Com efeito, podemos encontrar alguns portugueses, principalmente migrantes de zonas rurais, que se integram nesta última faixa da população, ou seja, que se caracterizam pelas frágeis inserções profissionais e instabilidade das condições de vida. Por outro lado, um número significativo de indivíduos pertencentes a minorias étnicas, nomeadamente angolanos e moçambicanos, integram-se na primeira, com situações sociais e profissionais relativamente estabilizadas.

Os percursos realizados ao longo da vida são também de extrema importância para perceber o modo como as pessoas vivem, as suas aspirações, representações e expectativas quanto ao futuro, e quanto ao modo como engendram processos de construção e reconstrução das suas identidades.

O bairro é, naturalmente, um local que cruza uma série de trajectos diferenciados, já que, como vimos, a sua população é em grande parte originária, quer de outras zonas do país, quer de outros países.

A vinda para o bairro significou para a maioria das pessoas uma mudança nos trajectos e nos modos de vida na generalidade negativa. Com efeito, para mais de metade da população a vinda para o bairro significou alguma

despromoção habitacional, pelo menos nas avaliações das pessoas, as quais consideram terem actualmente piores condições de habitação. Tal realidade influi fortemente no grau de satisfação com a habitação que é bastante diminuto para uma grande maioria dos indivíduos, excepção feita, fundamentalmente, aos indivíduos provenientes de bairros degradados ou de barracas, onde encontramos uma avaliação bastante positiva da habitação.

Assim, a principal razão invocada por estes indivíduos para viver no bairro é o facto das casas serem baratas e não poderem pagar outra casa, ficando excluída a possibilidade, por grande parte deles desejada, de se mudarem para outro local.

Do mesmo modo, também os percursos profissionais parecem revelar pouca tendência para a promoção. E isto, quer relativamente à geração anterior, quer relativamente à generalidade da população do nosso país, cujos níveis qualificacionais têm vindo a crescer significativamente mais que os destas populações. Com efeito, as situações de precaridade a nível profissional não são novas, mas pelo contrário revelam uma continuidade das frágeis inserções profissionais.

Esta realidade vem contribuir para um sentimento de privação no que respeita às situações actuais e aos percursos realizados, o que se agrava, quer na zona de HS, quer nas minorias étnicas, mas que não deixa de ser significativo também na restante população.

Apreensão do espaço e representações espaciais

O estudo das identidades culturais tem que ter necessariamente em conta os contextos espaciais e relacionais em que estas se enquadram, dado que estes contextos não se constituem como “meros suportes das relações sociais”⁶, mas são produtores de efeitos vários que contribuem para os processos de construção e reconstrução dessas identidades.

Assim, o espaço, enquanto agente activo de inscrição das práticas sociais, é uma realidade complexa cuja análise deve incluir, para além das características do próprio espaço físico, uma imensidão de variáveis sociais e culturais a partir das quais se geram situações específicas e sistemas de imagens e representações, dos quais dependerá em grande medida o modo como cada indivíduo apreende e se apropria desse espaço.

A heterogeneidade de referências culturais e de situações sociais que caracteriza o bairro tem, necessariamente, influência no modo como se vê e se representa o espaço e nas formas como dele se apropriam os seus moradores.

De uma forma geral, as avaliações do espaço de residência são bastante negativas. Com efeito, quase metade dos moradores da zona de HS

do bairro (46,9%) afirmam não gostar de viver no mesmo, ultrapassando-se largamente este valor na zona de PH (60,4%).

Quadro 1: Pessoas que não gostam de viver no bairro e razões apontadas (em %)

	B. ICESA HS	B. ICESA PH
Total dos que não gostam	46,9	60,4
As casas são mal construídas	14,1	18,2
Faltam espaços verdes	33,8	30,5
Faltam estabelecimentos comerciais	17,8	23,4
Faltam cafés	2,3	2,6
O bairro é perigoso (assaltos, incêndios, etc.)	34,3	18,2
Estão juntas categorias sociais e grupos étnicos	37,1	20,8
Há poucos vizinhos da mesma origem (país, cor, etnia)	22,1	12,3
O bairro tem má imagem	41,8	27,9
Há má vizinhança	31,0	14,9
O bairro está distante das escolas e empregos	12,2	20,8
Não se pode dar com os vizinhos	20,2	7,1
As pessoas falam da vida dos outros	36,2	16,2

As razões para tal avaliação relacionam-se com três grandes factores: com a degradação urbanística do local, com a questão da convivência entre grupos diferentes (ou seja, com a má vizinhança, com o racismo e com a marginalidade) e, sobretudo, com a má imagem do bairro. São, efectivamente, muitas as pessoas que crêem que o bairro tem má imagem no exterior, partilhando-se assim a existência de uma forte identidade negativa. Estes problemas acentuam-se novamente, como se pode ver, na zona de HS do bairro. As estratégias de integração no espaço são necessariamente engendradas por referência a tais realidades, mas variam também com os tipos de percursos feitos ao longo da vida, com os projectos pessoais e com a possibilidade ou impossibilidade de os realizar.

Podemos encontrar, por exemplo, em alguns indivíduos de origem africana que residem na zona de HS e que sofreram percursos relativamente descendentes, uma estratégia de integração que se baseia, por um lado, no assumir da má imagem do bairro, cuja responsabilização se atribui aos imigrantes, ou seja, “aos seus iguais” e, concomitantemente, por outro lado, no afastamento em relação aos mesmos, fazendo dirigir os seus relacionamentos sobretudo para os portugueses.

“Não gosto de viver no bairro. É um ambiente bem atrasado. As pessoas têm dificuldade em se integrar na sociedade”.

“De Cabo-Verde mesmo, não conheço ninguém aqui. Eu tenho mais amigos, pessoas de cá mesmo, portugueses. Falo melhor com eles” (Cabo-verdeana, moradora na zona de HS, 34 anos).

A questão que respeita à demarcação das duas zonas do bairro é neste contexto extremamente importante, porque há uma divisão física, mais ou menos bem delineada entre elas, que se liga a uma demarcação étnica e, embora isto tenha algum sentido (já que é na zona de HS que se concentram as minorias étnicas), resulta numa imagem estereotipada dessa realidade. Esta zona do bairro tende, deste modo, a ser mais desvalorizada, pelo menos no seu interior, o que necessariamente se liga à desvalorização dos grupos que aí habitam. E isto, ao ser interiorizado pelos moradores do bairro, tende a gerar estratégias de demarcação concretizadas, por exemplo, na negação de relacionamento com os moradores desta zona.

No caso de outros indivíduos encontramos uma estratégia de recusa da imagem do espaço, o que pode ser interpretado como uma forma de preservação das suas próprias imagens, já que, na maioria das situações, as possibilidades de mudança para outro local parecem ser bastante remotas. Assim, cultiva-se o distanciamento face ao bairro que não se frequenta nem sequer para fazer compras ou tomar um café, mas as razões apontadas para tal alheamento são a *“falta de tempo”* ou o *“não gostar de andar na rua”* (Angolana, moradora na zona de HS, 43 anos).

Encontramos, depois, os que afirmam gostar de viver no bairro, mas que praticamente também não o frequentam e que cultivam mesmo um certo distanciamento em relação aos seus residentes, nomeadamente aos da zona de HS, aos quais se atribui igualmente a responsabilidade pela má imagem do mesmo.

“Gosto de viver no bairro. Não sei, encontrei aqui pessoas com quem me dou. Não desgosto. A minha vida também é mais em casa. O meu ciclo de amigos é muito restrito. Uma pessoa pode conhecer as pessoas, bom dia, boa tarde, mas não tem afinidades com elas”.

“A ideia que as pessoas de fora têm do bairro é péssima. Marginalizam mesmo as pessoas. Seremos umas tantas por quem eles têm um tanto ou quanto de consideração”.

“A falta de civismo é muita ali em cima⁷. Não quer dizer que aqui não apareçam crianças e adultos ‘da mesma qualidade’, mas há roubos, maldade mesmo, há ali muita gente má” (Portuguesa, moradora na zona de PH, 42 anos).

Finalmente, há ainda os que gostam de viver no bairro. São os casos das famílias mais pobres, para as quais a vinda para o bairro significou alguma melhoria, quanto mais não seja em termos habitacionais. A apreensão positiva do espaço residencial parece, contudo, basear-se quase exclusivamente na habitação ou então, como alguns indivíduos referenciaram, na beleza do local, não se verificando uma integração real no bairro.

“Eu gosto imenso deste sítio aqui. Gosto porque me calhou um sítio muito lindo, avisto tudo por aí a fora”.

“Não gosto de andar por aí. Eu sou pouco de conversas. As minhas conversas é estar aqui em casa e ir ali a cima, tenho ali uma hortita, é onde eu me entretenho” (Portuguesa, moradora na zona de HS, 56 anos).

Relações de vizinhança e sociabilidades

O bairro caracteriza-se, como vimos, pela existência de uma forte identidade negativa que resulta, em grande parte, do facto de nele coexistirem diferentes grupos sociais e identidades culturais.

Assim, as sociabilidades conflituais são muito fortes, decorrendo da “ofensa” e da “intriga”, dos conflitos “por causa dos filhos”, dos “assaltos”, do “racismo”, “da “gestão dos condomínios” e, sobretudo, da “má vizinhança”, factores todos eles ligados ao “confronto” inter-cultural. A má vizinhança parece ser efectivamente a principal razão explicativa dos conflitos existentes no bairro. Esta deriva, por outro lado, em larga medida de outros problemas, nomeadamente os urbanísticos que são extremamente sentidos por estas populações, e que contribuem para agravar o desenraizamento relativamente ao local de residência.

“A maior parte dos problemas aqui no bairro é por causa dos vizinhos. Alguns toleram-se, mas os outros... É impossível viver-se em comunidade” (Angolana, residente na zona de HS, 43 anos).

“Aqui no bairro também há muita gente de cor. Vieram de um ambiente completamente diferente. Há pessoas que nunca habitaram em casas e não sabem habitar uma casa” (Portuguesa, residente na zona de PH, 42 anos).

Quadro 2: Razões dos conflitos no bairro (em %)

	B. ICESA HS	B. ICESA PH
Gestão do condomínio	5,2	5,5
Má vizinhança	21,6	17,5
Assaltos ou roubos	6,1	9,7
Por ofensa	17,8	16,9
Por causa dos filhos	11,7	9,7
Por razões de racismo	7,0	7,1
Por maldicências e intrigas	14,1	18,8

As sociabilidades positivas dirigem-se, deste modo, fundamentalmente para a família, a quem se recorre com mais frequência quando se precisa de um conselho ou de ajuda, com quem se conversa ou se passa os tempos livres (cerca de 78,4% e 66,9%, respectivamente nas zonas de HS e PH, responderam recorrer à família nestas situações). Contudo, os amigos feitos no bairro são bastante importantes para estas populações, o que indica que, apesar de todos os problemas do bairro, continua a ser possível o relacionamento entre os vizinhos.

Quadro 3: Com quem se relaciona melhor no bairro (em %)

	B. ICESA HS	B. ICESA PH
Familiares	16,2	13,3
Pessoas da mesma origem (país, raça, etnia)	5,6	4,2
Velhos amigos	10,5	15,4
Amigos feitos no bairro	36,2	29,1
Pessoas que se mostram simpáticas	19,6	23,4
Ninguém ou quase ninguém	9,4	12,3

Efectivamente, o quadro mostra-nos o peso que adquirem para estas populações os amigos feitos no bairro, que ultrapassa, aliás, o dos familiares. Porém, tal não significa que as relações de vizinhança sejam boas. Com efeito, é normal que se criem relações de amizade com algumas pessoas no local de residência (o contrário é que seria de estranhar), o

que não quer dizer que o relacionamento com os vizinhos e com o bairro em geral seja o melhor. Neste caso isso parece efectivamente não acontecer, predominando, pelo contrário, uma atitude selectiva e bastante restritiva na escolha e relacionamento com os mesmos.

Identidades culturais: algumas considerações sobre os seus processos de (re)estruturação

Os processos de (re)estruturação das identidades socioculturais revestem-se de extrema complexidade. Por um lado, dada a multiplicidade de referências identitárias que cada indivíduo encerra em si próprio, por outro lado, dada a particular permeabilidade à mudança destas identidades, através dos diferentes processos sociais pelos quais os indivíduos passam ao longo da vida. Como avaliar então, e no caso concreto do bairro da Icesa, o contributo de diferentes factores para os processos de continuidade e mudança das identidades aí existentes?

Um primeiro aspecto a considerar foi o facto das populações do bairro serem essencialmente migrantes, o que fez destacar desde logo a importância das questões da mobilidade, dado que as trajectórias sociais, residenciais ou profissionais percorridas ao longo da vida vão modificando e redefinindo as identidades. Ora, o que nos foi dado verificar no bairro da Icesa foi que, na maioria dos casos, os indivíduos sofreram percursos descendentes, o que se manifesta numa avaliação negativa desses percursos e numa certa insatisfação com as situações sociais actuais. Tal realidade traduz-se, simultaneamente, numa certa fragilização das suas identidades culturais, ou seja, na emergência de identidades “hesitantes” entre diferentes identificações socioculturais, muitas vezes contraditórias.

Mas a questão das trajectórias descendentes não é a única razão explicativa desta realidade. Efectivamente, pôde verificar-se que, nos casos de alguns indivíduos cujas situações sociais anteriores à vinda para o bairro eram já bastante precárias, isto parece igualmente acontecer. É o exemplo de determinadas famílias pobres originárias de zonas rurais que sofreram processos de migração mal sucedidos. Com efeito, ao mesmo tempo que se foram perdendo as antigas redes de solidariedade camponesa, experimenta-se um fraco grau de integração no espaço urbano e no mercado de trabalho, o que impossibilita a melhoria das condições de vida e conduz a uma situação de desadaptação e exclusão social. Nestes casos, estamos perante um tipo de população que, pela escassez de recursos sociais, culturais e relacionais, não consegue interiorizar as normas e os hábitos necessários a uma integração satisfatória, caindo, pois, numa si-

tuação de “bloqueamento cultural”, ou seja, numa situação de “(...) tradicionalismo exacerbado, descontextualizado (...), forma de retorno a si mesmo, numa situação vivida como ameaçadora para a sua própria identidade”⁸.

Mesmo nos casos em que as situações a nível profissional e económico se mantiveram relativamente estáveis ao longo da vida, ou que passaram por processos de rápida recuperação, o que parece acontecer é que o facto de se viver no bairro contribui, em si mesmo, para uma grande “fragilização identitária”, o que se traduz, nomeadamente no caso de alguns imigrantes, numa certa demarcação face aos sistemas culturais/ étnicos de origem e numa tentativa de aproximação aos valores da sociedade portuguesa.

É o exemplo encontrado em algumas famílias de origem caboverdeana, angolana ou moçambicana, que se concretiza em discursos ambíguos acerca da origem étnica. Por um lado, revela-se orgulho ao falar da terra natal e dos seus costumes tradicionais, mas por outro, há uma tentativa de demarcação relativamente a eles, considerando-os como “mais atrasados” em relação aos europeus, o que deriva da consciência da má imagem do bairro ser atribuída, fundamentalmente, às pessoas dessas etnias. Estamos, pois, perante uma situação de hesitação nas estratégias sociais destes indivíduos, entre a identificação com os valores de origem e a aspiração de integração na sociedade portuguesa.

Isto pode acontecer sem que se ponha “em causa” a identidade de um indivíduo ou grupo social, porque as culturas não são “realidades estáticas”, mas resultam de uma constante negociação com o exterior e com os diferentes sistemas culturais. Assim, e embora se mantenha aquilo que Dominique Schnapper apelida de “núcleo duro do sistema cultural”⁹, os indivíduos podem interiorizar uma série de comportamentos ou normas que os ajudem a uma mais fácil integração na sociedade de acolhimento. Ou seja, podem conseguir manter o “essencial” das suas culturas de origem, permitindo simultaneamente a “aculturação periférica”¹⁰ necessária a essa integração. Contudo, longe de ser pacífico, este é um processo que se reveste de grande conflitualidade interior, principalmente em situações como esta que se vive no bairro, em que os indivíduos se têm de confrontar com todos os problemas decorrentes da coexistência entre diversos grupos, num espaço que lhes devolve uma imagem extremamente negativa de si mesmos, e que obriga a que se engendrem as mais variadas estratégias de demarcação, quer face ao próprio espaço, quer face às suas próprias referências culturais de origem.

Para isto contribui assim, de forma particular, a questão do espaço residencial. O bairro constitui-se, efectivamente, num contexto espacial

que proporciona de forma bastante marcante a inferiorização social e cultural das minorias étnicas, o que agrava esta situação de “indefinição identitária”.

Embora não tenha sido possível o contacto com as famílias estudadas num contexto exterior ao bairro, alguns discursos detectados em entrevistas realizadas às mesmas, fazem supor que uma parte dos indivíduos em questão, nomeadamente aqueles que possuem situações pouco contrastantes, quer a nível cultural, quer social com a sociedade portuguesa, como é o caso dos angolanos e dos moçambicanos¹¹, quando integrados noutra contexto recuperam de certa forma a sua auto-estima, sem necessitarem de distanciar-se daquilo que neste bairro lhes atribui mais fortemente uma identidade negativa.

É evidente que a referida “inferiorização social e cultural” não afecta exclusivamente as minorias étnicas, mas constitui-se como algo de transversal a toda a população, embora de forma diversa consoante os diferentes actores. Assim, e independentemente das pertenças étnicas ou sociais, predominam as estratégias de isolamento e de demarcação face ao bairro, o que parece limitar fortemente as tentativas de intervenção para aí implementar qualquer projecto colectivo.

Neste contexto, um outro factor aparece como fundamental. É a definição externa da imagem do próprio bairro, que, neste caso, é bastante negativa, o que, ao ser interiorizado pelos seus moradores, contribui também para essas estratégias de demarcação e para a correspondente reestruturação das identidades. A identidade cultural do bairro é, assim, um produto do cruzamento de dinâmicas internas e externas resultando, por um lado, das redes de relações sociais conflituais, do fraco sentimento de pertença e da própria divisão entre as duas zonas do bairro, e, por outro lado, da forte imagem negativa que lhe é devolvida do exterior.

Considerações finais

Voltemos então à preocupação inicial, ou seja, à questão da avaliação da contribuição dos diferentes atributos que moldam as identidades socioculturais no bairro. Eles são, como vimos, múltiplos, revestem-se de um carácter situacional, ou seja, a sua importância varia com os contextos sociais em que os indivíduos se inserem, e conflitual, por estarem num permanente confronto com outras identidades. Consequentemente, os processos de (re)construção das identidades constituem-se em processos dinâmicos e em constante redefinição que, como nos refere Madureira

Pinto “(...) não pode senão conduzir, numa lógica de jogo de espelhos, a identidades impuras, sincréticas e ambivalentes¹²”.

De tudo isto decorre que é extremamente difícil fazer aquela avaliação. Contudo, foi possível, neste caso particular, encontrar determinados factores que sobressaem como fulcrais nestes processos.

Assim, no caso de alguns dos indivíduos provenientes de zonas rurais, o que parece adquirir maior importância é o sistema cultural de origem, dado que a escassez de recursos sociais e culturais torna praticamente impossível o sucesso dos percursos sociais e conduz a uma tentativa de fechamento face ao exterior e de preservação das práticas anteriores. E isto parece encerrá-los num modo de vida próximo da “cultura da pobreza”¹³, onde não se vislumbram perspectivas de saída no futuro, e que, muito pelo contrário, tende a reproduzir-se na segunda geração.

Os percursos experimentados ao longo da vida são, por sua vez, fundamentais para a análise das situações daqueles indivíduos, principalmente dos residentes na zona de HS, cuja vinda para o bairro significou uma despromoção a nível habitacional e social. A avaliação negativa destes percursos, intimamente ligada à questão do contexto espacial, parece particularmente importante para a (re)construção das identidades dos seus protagonistas, já que se vêem obrigados a encontrar formas de demarcação face ao bairro e à generalidade dos seus moradores, na tentativa de se preservarem a si próprios. E isto parece acontecer mesmo nos casos em que se continua a ter como referência primordial a sociedade de origem, já que a consciência da quase impossibilidade do regresso à mesma faz com que se deseje a completa integração na sociedade portuguesa.

Finalmente, a divisão entre as duas zonas do bairro é essencial para compreender as estratégias de alguns dos indivíduos residentes na zona de PH, e que fazem da divisão do bairro uma fronteira entre “a zona das pessoas mais civilizadas” (Preços Homologados) e “a zona das pessoas menos civilizadas” (Habitação Social), às quais se atribuem todos os problemas do bairro, baseando nesta demarcação a identificação com o mesmo.

Notas

¹ Ver José Madureira Pinto, “Considerações Sobre a Produção Social de Identidade”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 32, 1991

² Idem

³ António Firmino da Costa, *Sociologia*, Difusão Cultural, 1992, pág.53.

⁴ Veja-se a propósito Franco Ferraroti, *Histoire et Histoires de Vie — La Méthode Biographique dans les Sciences Sociales*, Paris, Lib. Méridiens, Paris, 1983.

-
- ⁵ O comprador adquire a casa em regime de preços homologados e só a pode vender, segundo o mesmo regime, com a mediação da Câmara Municipal.
- ⁶ Isabel Guerra, “A Espacialização da Vida Social”, in *Povos e Culturas*, nº2, 1987.
- ⁷ Zona de Habitação Social.
- ⁸ Dominique Schnapper, “Modernité et Acculturations. Le Croisement des Cultures”, *Communications*, nº43, 1986, pág.159.
- ⁹ Idem.
- ¹⁰ Idem.
- ¹¹ Veja-se a propósito Fernando Luís Machado, *Etnicidade em Portugal — Aproximação ao caso Guineense*, Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, Lisboa, ISCTE,1991.
- ¹² José Madureira Pinto, op. cit., pág.219.
- ¹³ Oscar Lewis, *Os Filhos de Sanchez*, Lisboa, Moraes Editores, 1979.